

# PORTICO

BY VANGUARD PROPERTIES

3



NIN

JASO

MART



É no silêncio do campo português que Jason Martin cria as suas obras. Artista de renome internacional, viaja com frequência pelas principais capitais do mundo onde expõe, mas é no litoral alentejano, para onde se mudou em 2007, que se sente em casa. Numa conversa fácil e fluida, falámos deste seu novo país, do estúdio enterrado que o premiado arquiteto Souto de Moura lhe desenhou, dos planos que tem para o futuro, de vinho e, como não podia deixar de ser, de arte e do processo criativo.

**KATYA DELIMBEUF** TEXTO WORDS **PEDRO FERREIRA** FOTOGRAFIA PHOTOGRAPHY

Jason Martin creates his artworks in the still and silence of the Portuguese countryside. As an internationally renowned artist, he frequently visits the cities where his art is exhibited. However, it's on the Alentejo coast, where he moved in 2007, where he feels most at home. We talked about his adopted country, a buried studio designed for him by prize-winning architect Souto de Moura, future plans, wine and, of course, art and the creative process.









O estúdio de Jason Martin é no meio do nada. Um antigo armazém agrícola com vista para um arrozal, numa aldeia da Comporta. Ali, o artista britânico tem o silêncio por companhia e um ninho de cegonha como único vizinho. Cumprimenta-nos à entrada, as calças de ganga e os ténis como uma autêntica tela, uma amálgama de camadas e salpicos de tinta. Empurra a porta de correr do armazém e entramos no estúdio. O chão está pintalgado de tinta de todas as cores, alguma ainda fresca. Sob o pé direito alto, telas de grandes dimensões ocupam as paredes ou estão acondicionadas dentro dos seus encaixes de madeira. A palavra “frágil” está por todo o lado.

Na parede ao fundo, três quadros. Um maior ao centro, e dois mais pequenos, laterais. “Pintei estes dois ontem”, confidencia Jason, “e gostei do resultado. Há três meses que não pintava”, o período mais longo desde há muito. Esteve fora de casa, nomeadamente em Nova Iorque, numa inauguração da Lisson Gallery, a galeria que o representa.

Jason Martin, 52 anos, é um dos nomes mais sólidos da arte contemporânea mundial. Trocou Inglaterra por Portugal em 2007. As suas telas são pinturas que roçam a escultura, com camadas de tinta de várias texturas, em que apetece tocar. À fase monocromática, talvez das mais conhecidas do artista, cheia de vida e movimento, seguiram-se outras. Diferentes mas sempre ecléticas.

*O seu estúdio anterior era em Londres, no meio do bulício de uma grande cidade europeia. Aqui, estamos no meio do nada. Qual o melhor contexto para criar?*

Para mim, este é o sítio perfeito para trabalhar. É isolado e remoto. Sem barulho, sem distrações. É aqui que crio, desde que este estúdio foi criado para mim, há sete anos.

*Continua a pintar a óleo, na maior parte da sua obra.*

Adoro o rasto da pincelada. Dá-nos o registo do tempo. É uma marca que fica. Pode ser vista aqui e agora, como pode transportar-nos através de milhares de anos, como uma máquina do tempo.

*Como é o seu processo criativo? Pinta todos os dias? Tem uma disciplina rígida?*

Ontem, pintei pela primeira vez em quase três meses, porque passei uma temporada no estrangeiro. Foi a tal ponto que comecei quase a sentir-me um impostor. Não me lembro de ter estado tanto tempo sem pintar. Normalmente, tenho um sentido de urgência para vir para estúdio. Quase uma compulsão. Ontem vim e pintei aqueles dois quadros [aponta para a parede do fundo do estúdio, onde duas telas mais pequenas ladeiam uma outra de maiores dimensões], e gostei do resultado. Mas na verdade, percebi que é preciso tanta disciplina para não estar em estúdio como para estar.

Martin’s studio is in the middle of nowhere. Located in Comporta, this former agricultural warehouse offers a view of the surrounding rice paddies, with a stork’s nest as his only company. He greets us at the entrance wearing paint-splattered jeans and trainers that could pass for a canvas.

He pushes the warehouse sliding door and we enter his studio. The floor is speckled with multicoloured paint, some still wet. Beneath a high roof, large-scale canvases cover the walls or are fitted snugly into wooden crates.

The word “fragile” is everywhere.

On the back wall, there are three paintings. A large work in the middle, flanked by two smaller ones. “I painted these two yesterday and I liked the way they turned out,” he says. “I hadn’t painted in three months”, the longest inactive period for some time. He was away from home, in New York, at an opening at the Lisson Gallery, which represents him.

Martin is one of the most well-respected names in the world of contemporary art. **His paintings border on sculpture**, boasting layers of differently **textured paint that invite touch**. His monochrome phase, perhaps his best known, was followed by others. Different but always eclectic.

*Your previous studio was in London, in the hustle and bustle of a large European city. Here, we’re in the middle of nowhere. Which is better for creative purposes?*

For me, this is the perfect place to work. It’s isolated and remote. No noise, no distractions. It’s here I create, ever since this studio was built for me seven years ago.

*You continue using oils for most of your work.*

**I love the trace of the brushstroke**. It gives us a record of time. It’s a mark that endures. It can be seen in the here and now, or it can transport us back thousands of years, like a time machine.

*What’s your creative process like? Do you paint every day? Are you rigidly disciplined?*

Yesterday, I painted for the first time in almost three months, after having spent some time abroad. It got to the point where I almost felt like an impostor. I can’t remember spending so long without painting. Normally, I have a sense of urgency when it comes to going into the studio. Yesterday, I came in and painted these two [he points at two small canvases on the studio’s rear wall], and I liked the way they turned out. But truth be told, I realised that you need as much discipline not to be in the studio as to be in the studio.



Porquê?

Nem todos os dias se tem algo de interessante para dar ao trabalho. Criar implica correr riscos, tentar coisas diferentes. Tem de ser imprevisível. É uma conversa permanente. É sempre sobre a jornada.

O que procura quando cria?

Trabalho para explorar viagens que encontrem verdade emocional. A minha ambição é revelar espaços cativantes ou limiares entre a cor e o espaço.

Como definiria “verdade emocional”?

É um encontro entre a decisão e o abandono. Isso acontece quando o movimento flui sem esforço aparente. Como uma meditação. Mergulho no que estou a fazer e depois ausento-me. Acabas por tornar-te apenas um veículo, numa espécie de abandono. É aí que se começa a fazer algo de interessante, quando o inconsciente começa a trabalhar. São momentos efémeros, em que o acaso é permitido.

Diz que o seu pior inimigo vive dentro da sua mente. O isolamento voluntário em que vive em Melides não torna tudo mais difícil?

Todos temos demónios, o desafio é torná-los nossos amigos de cabeceira. Leva o teu trabalho a sério, como um assunto de vida ou de morte, mas não confundas isso como uma ideia ilusória de ti. Nunca te podes levar demasiado a sério. Para se ter sucesso, acredito que devemos ser bons no que fazemos, gostarmos de o fazer e gostarmos de nós. Podemos pedir isso de nós próprios.

Esse exílio autoimposto é necessário à criação artística?

Acredito que todos os artistas têm de passar por um exílio e descobrir através do isolamento como enriquecer a sua prática de trabalho. Olhar através do buraco da agulha é um rito de passagem necessário. Aceitar o falhanço e experimentar através do risco é essencial para evoluir e para avançar no domínio da criatividade. Nada é estático ou garantido. Há um sentido de urgência em provar o novo. Uma urgência para criar.

Why?

Sometimes we don’t have anything interesting to give. Creating involves taking risks, trying different things. It has to be unpredictable. It’s a permanent conversation. It’s always about the journey.

What do you seek when you create?

I work to explore journeys that find emotional truth. My ambition is to reveal captivating spaces or thresholds between colour and space.

How would you define “emotional truth”?

It’s a meeting of decision and abandon. It occurs when movement flows with apparent effortlessness. Like meditation. I immerse myself in what I’m doing and then I become absent. You become a mere vehicle, in a type of abandon. It’s there that something interesting happens. When the unconscious starts to function. They’re fleeting moments, where chance is allowed.

You say that your worst enemy lives inside your mind. Doesn’t your voluntary isolation in Melides make everything more difficult?

We all have demons; the challenge is to make them your bed friends.

Take your work seriously, like a matter of life and death, but do not confuse it with a delusional idea of yourself. You can never take yourself too seriously.

To be successful, I think we must be good at what we do, like doing it and like ourselves. We can ask that of ourselves.

Is this self-imposed exile necessary for artistic creation?

I think all artists have to experience exile and discover how to enrich their ways of working through isolation. Looking through the eye of the needle is a necessary rite of passage. Accepting failure and risking experimentation is essential to evolving and progressing, creatively speaking. Nothing is static or guaranteed. There’s a sense of urgency in trying something new. An urgency to create.

Como aconteceu vir viver para Portugal?

Vim as primeiras vezes a Portugal em 2007. Andava à procura de um ambiente exótico e batido pelo vento – o Oceano Atlântico e a linha costeira continuam a ser para mim mais desafiantes do que o mar manso do Mediterrâneo. Queria um espaço amplo para construir um estúdio do qual pudesse ver o mar. Encontrar espaço com uma renda baixa na cidade tem sido o que os artistas procuram. Aplicando este pensamento ao contexto rural, o Alentejo em 2007 era cheio de possibilidades. Comecei por ter um atelier na LX Factory, em Lisboa. Mas no Alentejo, encontrei o equilíbrio perfeito para viver como gosto, imerso na natureza. Mais tarde, em 2015, este estúdio foi criado para mim. Na verdade, tenho uma relação familiar com Portugal: a minha avó era portuguesa. Nasceu no Porto. A família dela estabeleceu os vinhos do Porto Taylor’s.

Ela falava-lhe de Portugal, ou ensinou-o a falar português?

Sim, falou-me um pouco da sua infância e cumprimentava-me sempre com um “Bom dia” pela manhã. Chamava-se Faith Winifred Martin Almeida. Era uma mulher de personalidade forte. Nunca vim a Portugal com ela, mas tínhamos uma relação próxima.

E hoje, como se sente em Portugal?

Sinto-me em casa. Sinto um calor aqui. Existe uma dignidade neste país que é profunda e bonita. O mundo tem muito a aprender com os portugueses e o seu modesto refúgio. Existe um sentido de ‘timelessness’ (intemporalidade) aqui. É um lugar autêntico, onde as pessoas não ostentam. Em que há uma relação próxima com a natureza, com as estações, com a agricultura. Portugal tem sido bom para mim.

Sente alguma relação entre a paisagem portuguesa em que escolheu viver e a da sua terra natal, as Ilhas Jersey?

O encontro entre o céu e o mar foi o único horizonte que vivenciei enquanto criança. Nasci numa ilha muito bonita, mas da qual tinha de escapar. Era um deserto cultural. Nunca me senti de lá.

A sua família está em Inglaterra?

Os meus filhos, de 15 e 21 anos, vivem em Londres. São independentes, ambos seguem caminhos criativos. O mais velho estuda escultura. O segundo toca bateria e enveredará provavelmente pela produção musical. Cresceram nos meus ateliers, a ver-me pintar. Ainda têm o hábito de levar os seus cadernos de desenho para todo o lado. Sempre os incentivei a desenhar – naturezas mortas, copos de vinho, perspetiva.

How did you end up living in Portugal?

I first came to Portugal in 2007. I was looking to find an environment exotic and windswept, the Atlantic Ocean with the coastline was for me and remains thrilling beyond the tame sea of the Mediterranean. I wanted a large space to build a studio that afforded me views of the sea. Finding space for cheaper rent in the urban context has been what artists seek. Apply that thinking to the rural context and Alentejo in 2007 was full of this possibility.

I started off with a studio in LX Factory, in Lisbon, but I found the perfect balance to live the way I want in the Alentejo, surrounded by nature. Later, in 2015, this studio was created for me.

Actually, I have a family connection with Portugal: my grandmother was Portuguese. She was born in Porto, where her family set up Taylor’s port wines.

Did she talk to you about Portugal, or teach you how to speak Portuguese?

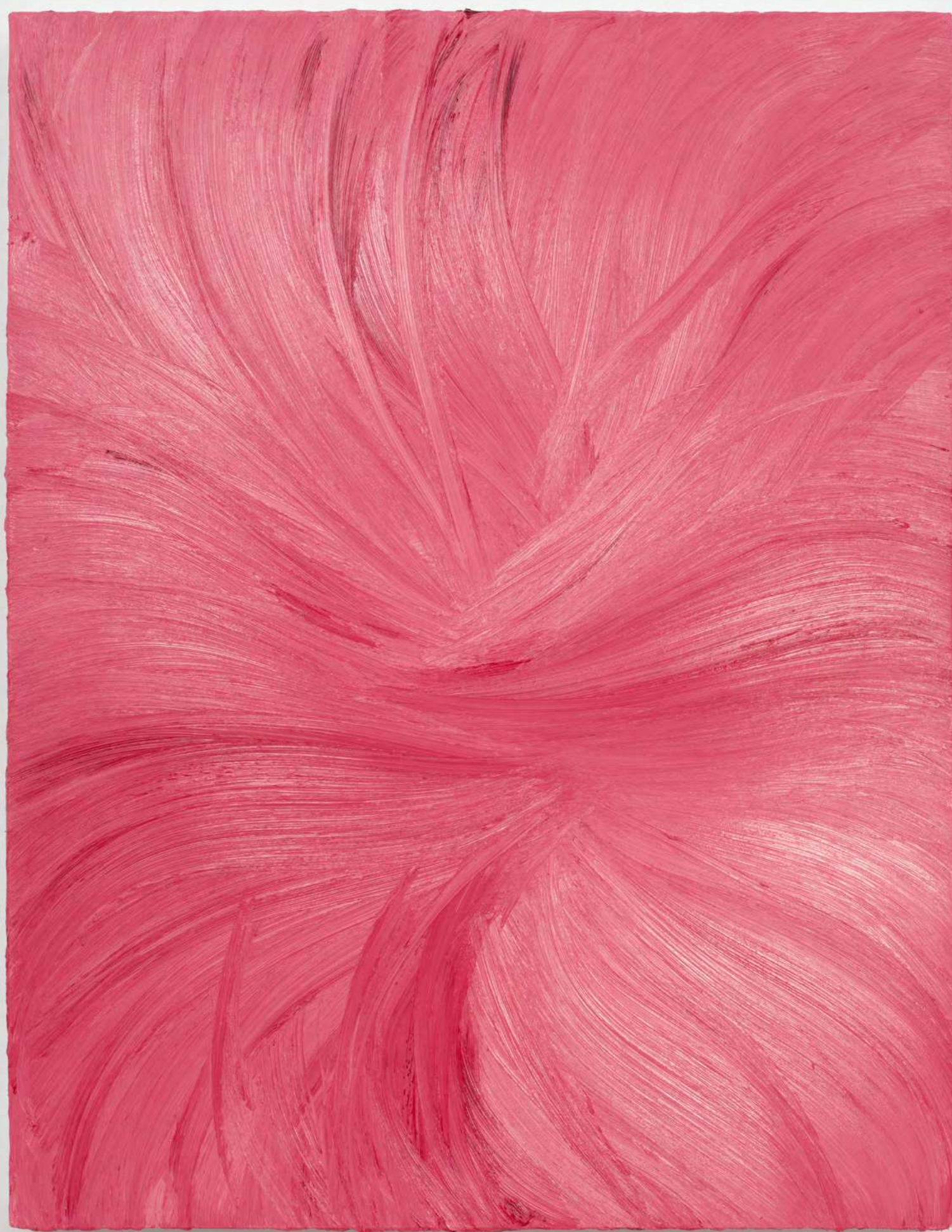
Yes, she talked a little of her childhood and always a Bom Dia greeting in the morning. Her name was Faith Winifred Martin Almeida, and she had a strong personality. I never visited Portugal with her, but we were close.

And now? How do you feel in Portugal?

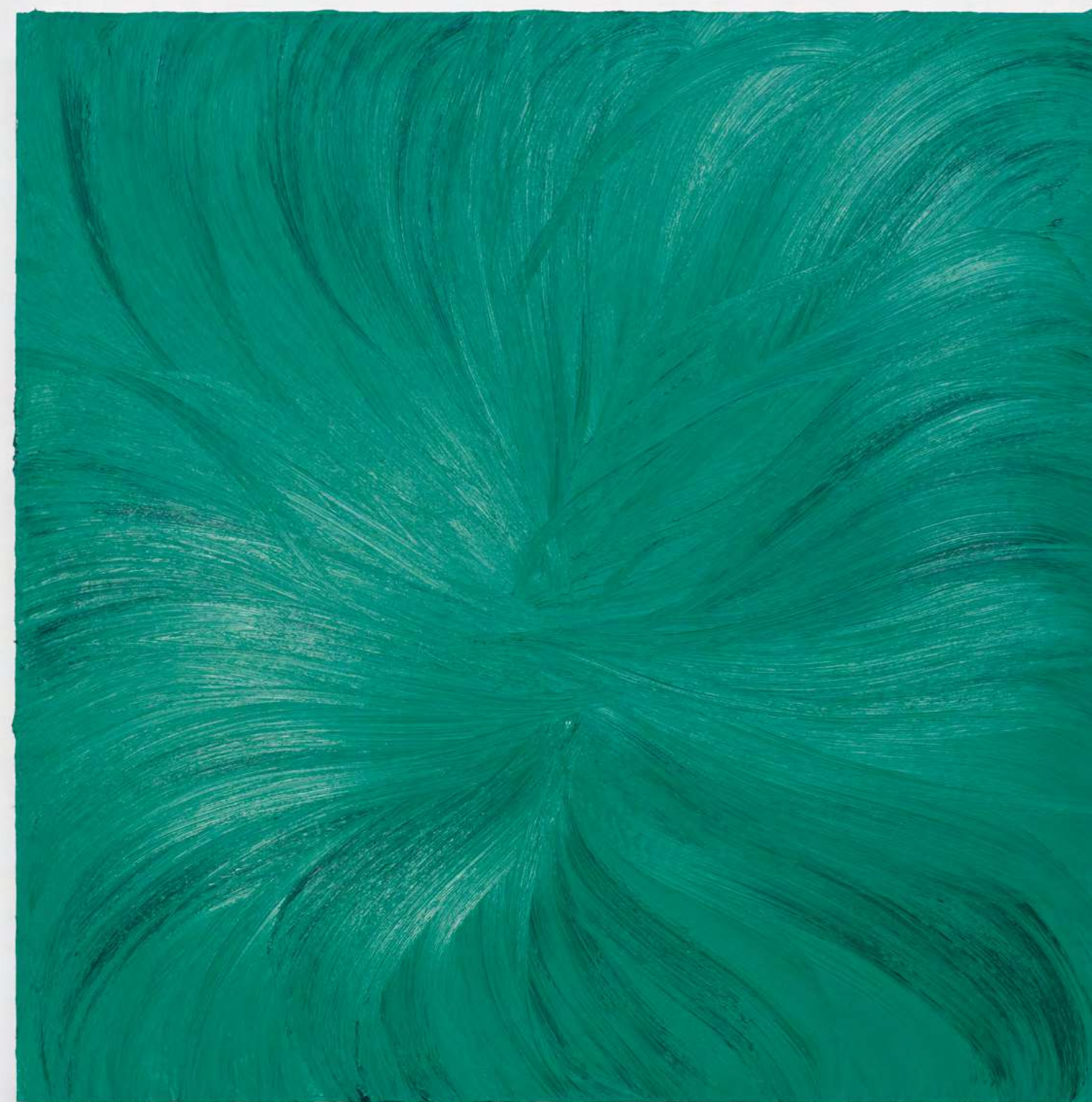
I feel at home. I sense a warmth here. There’s a dignity in this country that’s profound and beautiful. The world has a lot to learn from the Portuguese and their modest haven. There’s a sense of timelessness here. It’s a real place, where people don’t show off; where there is a close relationship with nature, with the seasons, with agriculture. Portugal’s been good for me.

Do you feel some sort of connection between the Portuguese landscape where you have chosen to live in and the one where you come from, the island of Jersey?

Where the sky and sea met was the only horizon I experienced as a child. I was born on a beautiful island, but I had to escape. It was a cultural desert. I never felt I belonged there.



Jason Martin, Untitled (Brilliant pink/Ideal rose)  
 2022, Oil on aluminium, 180×140 cm  
 © Jason Martin; Courtesy Lisson Gallery



Jason Martin, Untitled (Viridian light/Scheveningen green deep)  
 2022, Oil on aluminium, 222×222 cm  
 © Jason Martin; Courtesy Lisson Gallery

*E porque escolheu Melides para viver?*

Fascinam-me as quatro tonalidades de verde que as árvores têm ao longo do ano – o eucalipto, o sobreiro, o pinheiro e a oliveira. Estou imerso na natureza. A única forma que tinha de construir um estúdio era tendo um projeto agrícola. Depois consegui uma licença cultural. Isso dá-me a responsabilidade de criar diversidade cultural. Quero fazer residências artísticas e sessões de filmes ao ar livre.

*Quando?*

Provavelmente no próximo verão. As exposições de filmes acontecerão no espaço do lago natural de água filtrada que eu construí. Os filmes serão projetados numa tela, que depois refletirá no lago. E as obras que os artistas em residências fizerem irão para A Moagem, um centro cultural em Melides. Assim, cria-se uma herança cultural para a região.

*Por que escolheu o arquiteto Eduardo Souto de Moura para desenhar o projeto da sua nova casa?*

O Eduardo [Souto de Moura] é um poeta que faz arquitetura. Não se impõe no espaço com as suas criações. Ele permite vistas emolduradas e uma libertação do espaço no ambiente natural. A casa, que foi desenhada em 2008 e que terá uma área de cerca de 500 m2, terá vista para a Arrábida.

*O seu projeto cultural também passa pelo vinho.*

Sim. O meu plano é financiar o projeto cultural através da agricultura. Em 2010, comprei uma vinha com cerca de 2,5 hectares.

*Que castas tem plantadas?*

Arinto, Antão Vaz, Boal, Touriga Nacional, Castelão. Com os meus sócios, construímos uma adega tecnicamente perfeita. O alquimista faz vinho como uma obra de arte. Uma obra de arte evolui de uma alquimia de ideias e de prática. O vinho ensinou-me a ser extremamente paciente.

*Are your family in England?*

**My kids**, who are 15 and 21, live in London. They're independent, both doing creative stuff. The eldest is studying sculpture. The youngest plays drums and will probably go into music production. They grew up in my studios, watching me paint. They still carry their sketchbooks everywhere. I've always encouraged them to draw - still life, wine glasses, perspective.

And **why** did you choose to live in **Melides**?

I'm fascinated by the four shades of evergreen that the trees have throughout the year - eucalyptus, cork oak, pine, and olive tree. I'm immersed in nature. The only way I could build a studio was to have some sort of agricultural project. Then I got a cultural licence, which means I have to create cultural diversity. I want to do **artist residencies** and outdoor film sessions.

*When?*

Probably next summer the film screenings will take place at the natural water filter lake I built. The films will be projected on a screen, which will then reflect on the water. And the works that the artists in residence complete will go to A Moagem, a cultural centre in Melides. This way, there's a cultural heritage created for the region.

*Why did you choose the Portuguese architect Eduardo Souto de Moura to design your new house?*

Eduardo is a poet with architecture. He doesn't impose himself on the space with his creations. He allows framed views and spatial release of the natural environment. The studio, which was designed in 2008 and has an area of about 500 m², will have views towards the Arrábida.

*Your cultural project also includes wine.*

Yes. My plan is to **fund the cultural project through agriculture**. In 2010, I bought a vineyard of around 2.5 hectares.





*Em 2013, nasceu uma experiência vínica da sua autoria que é efetivamente uma obra de arte em mais do que um sentido: uma edição limitada de garrafas 'magnums' moldadas por si, que têm uma pincelada gravada na garrafa em vez de um rótulo, além de uma caixa personalizada com uma pincelada de cor...*

Sim, fizemos uma edição do “Impossible Vineyards” – 250 garrafas ‘magnum’. Cada garrafa é única; estas questões técnicas nunca tinham sido abordadas. Ter uma edição de 250 magnums foi um triunfo contra a adversidade.

*E estão previstos novos vinhos para breve?*

Para o ano, pela mão do enólogo Pedro Vasconcellos e Souza, haverá três novos vinhos no mercado: dois monocastas de ‘Caveira’ [o nome da aldeia onde está plantada a vinha], e ‘Alfaiate’, que já estão em produção.

*Qual o papel do acaso na carreira de um artista?*

No meu caso, tive a sorte de sempre ter sabido o que queria fazer. Isso foi a minha bênção. Pintar era o meu único verdadeiro interesse. Lembro-me de passar horas a desenhar – peixes, flores, fauna... – dos 15 aos 18 anos. Tive a felicidade de ter um mentor nessa fase da minha vida, alguém que acreditou em mim, que me motivou a continuar. Uma palavra de apoio no momento certo pode mudar a vida de alguém.

*Questões como a sua “imortalidade” enquanto artista ou o julgamento dos seus pares pesam sobre si?*

Aprendi a ignorar o julgamento, não ajuda a uma prática criativa saudável. Testem-se as águas 50 anos após o nosso desaparecimento: essa será a medida do testemunho de uma vida criativa e meritória. Estamos cá para ensinar, para amar e para aprender. Nunca sabemos o que é andar nos sapatos dos outros. O mundo da arte é um negócio como outro qualquer, um desporto cruel. As modas vêm e vão. O meu trabalho é a minha vida. O trabalho é um professor para ser celebrado e usufruído.

*What grapes varieties do you have planted?*

Arinto, Antão Vaz, Boal, Touriga Nacional, Castelão. Together with my partners, we’ve built a technically perfect winery. **The alchemist makes wine like a work of art.** A work of art evolves from an alchemy. Wine **taught me to be extremely patient.**

*In 2013, you came up with a wine project that’s essentially a work of art, in more ways than one: a limited edition ‘magnum’ bottle moulded by you, which has a brushstroke imprinted on the bottle rather than a label, plus a personalised case with a splash of colour...*

Yes. We did an **edition of “Impossible Vineyards” – 250 ‘magnum’ bottles.** Each bottle is unique; these technical issues had never been considered. Having an edition of 250 magnums was a triumph over adversity.

*Any new wines in the pipeline?*

Next year, there will be three on the market, which were produced with the guidance and expertise of enologist Pedro Vasconcellos e Souza: two single varietals called ‘Caveira’ [the name of village where the vineyard is planted], and ‘Alfaiate’, already in production.

***What role does chance play in an artist’s career?***

In my case, I was lucky enough to always know what I wanted to do. That was my blessing. Painting was my only real interest. I remember spending hours drawing – fish, flowers, and fauna – between the ages of 15 and 18. I was fortunate enough to have a mentor at that stage of my life, someone who believed in me, who inspired me to keep going. An encouraging word at the right time can change someone’s life.

*Do issues like your “immortality” as an artist or the judgement of your peers weigh on you?*

I have learned to ignore judgement. It doesn’t help healthy creative practice. The waters are tested 50 years after we’ve gone: that will be the measure of a creative and worthy life. We’re here to teach, love and learn. We never know what it’s like to be in other people’s shoes. **The art world is a business like any other, a cruel sport. Fashions come and go. My work is my life.** Work is a teacher to be celebrated and enjoyed.